

LUISA AYRES

NO GRITO E NA GARRA:

A LUTA DAS
TORCEDORAS AO
LONGO DA HISTÓRIA





PUC-SP

Luísa Ayres Dias de Oliveira

No Grito e na Garra:
A luta das Torcedoras ao Longo da História

Livro-reportagem apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientadora: Dra. Pollyana Ferrari

São Paulo
2025

Copyright © 2025 por OLIVEIRA, Luísa

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Professora Dra. Pollyana Ferrari.

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistemas eletrônicos, fotocopiada ou reproduzida por qualquer meio sem autorização prévia da autora.

Capa, projeto gráfico e diagramação: Iara Alves de Oliveira

Fotografias: Luísa Ayres Dias de Oliveira

Dedico esta obra e as primeiras palavras dela àquela que me deu os primeiros e todos os outros instantes de minha vida: minha mãe, Alessandra.

A mulher que me apresentou o "maior amor do mundo, que uma mãe sente pelo seu filho", duas vezes: uma com ela, outra com nosso amor pelo Palmeiras — a quem também dedico não só este livro, mas toda a minha vida, tempo, lágrimas e sorrisos.

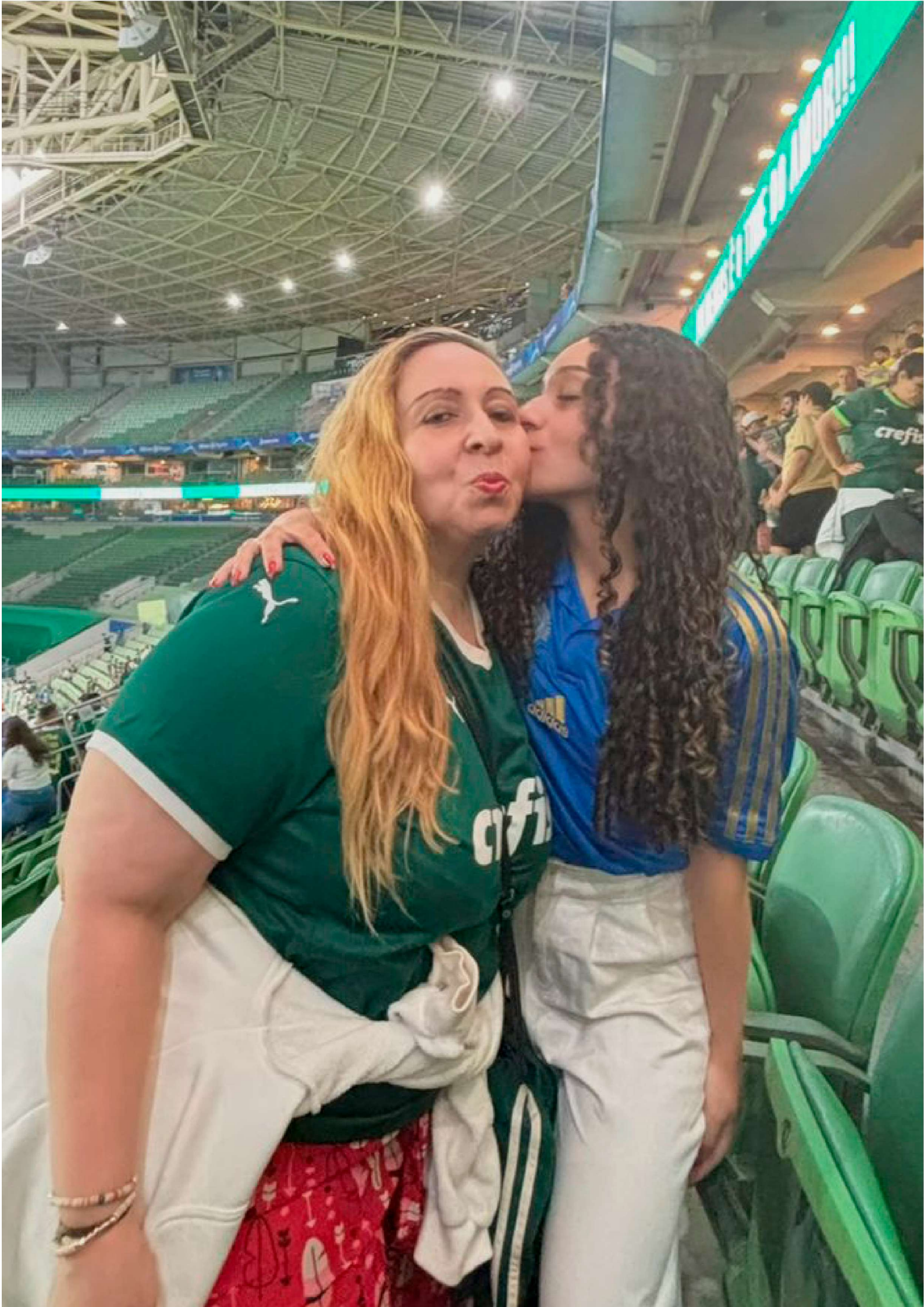
Agradeço minha vó Therezinha, ex-bolsista da PUC-SP, assim como eu, com muito orgulho, força e luta. Mulher militante, consciente e brilhante, que me fez acreditar nos meus sonhos e ir além.

Ao Coletivo de Bolsistas, Da Ponte Pra Cá, a quem devo o alívio de meus medos, dores e desafios dentro da Universidade — que muitas vezes, aliás, ninguém mais vê.

Às minhas colegas Manuela e Fernanda, que estiveram comigo durante toda essa trajetória, dia após dia, dentro e fora da sala de aula.

E, por último — mas não menos importante —, ao meu namorado corintiano, Guilherme, que me fez evoluir e entender que, no amor, não existe rivalidade.





"Escrevo mais essa,
engole o choro a cada frase,
o que eu passei
só a Dona Alessandra sabe.
Nunca faltou nada,
e por isso eu sou grata.

(...)

Eu nasci pronta pra vencer
porque eu vim de você,

eu sei que essa luz
vai brilhar em mim!"

— *JÔ, Vim de Você.*

**ANTES DE
TODOS,
NÓS TODAS**

Somos mulheres que vieram de outras mulheres. Aquelas que receberam durante a gestação algo tão essencial quanto os nutrientes mais básicos: para nós, o amor pelo futebol. As meninas que cresceram sabendo cantar o hino de seus times, pedindo uma camisa para vestir, sentadas no sofá da sala enquanto brincávamos e gritávamos "gol".

Que preferiam a bola à Barbie. O verde dos gramados ao rosa dos laços de fita. O pé sujo de terra ao invés dos vestidos sempre limpinhos.

Crescemos como exceção, quase sempre mais próximas dos garotos na escola. A nós não interessava apenas nos entreter com objetos que nos remetiam às nossas obrigações futuras impostas pela sociedade, como as cozinhas, panelinhas e vassouras de mentira, em miniatura.

Somos também aquelas que quase sempre ficavam em casa enquanto os nossos irmãos e pais iam ao estádio. Apegadas à televisão, a forma mais fácil de nos sentirmos próximas de nossos times.

As garotas que cresceram cercadas pelo preconceito desde sempre. Sobre o que seria de nossa sexualidade com gostos "tão masculinos". Sobre o quão femininas e delicadas deveríamos ser e nos recusávamos a concordar. Como se torcer por um time de futebol pudesse ser algo exclusivamente masculino.

Somos as jovens revoltadas, que não falam baixo nem se sentam com as pernas cruzadas. Que não se contentam em ficar em casa e se ocupar apenas com os afazeres domésticos.

Estamos sempre de pé na arquibancada, falando alto, cantando, vibrando e gritando. Impondo nossa voz, impondo nossa luta, nossos desejos e nossas vontades. Ali, colocamos para fora todo nosso amor e, contraditoriamente, toda nossa raiva.

O ódio por aquilo que ouvíamos que não podíamos ser. Que não podíamos falar. Que não podíamos pôr para fora. "Menina não fala palavrão desse jeito, mesmo vendo jogo de futebol". "Que coisa feia, mulher assistindo às partidas e tomando cerveja". "Essa é a imagem que você quer passar?".

A pergunta é: quando tiraram de nós a nossa história? Somos torcedoras! As que deram sentido a essa palavra - que aliás só existe por nossa causa!

Lidas como "corajosas até demais", quando tudo que gostaríamos é não precisar de coragem, mas sim estando em segurança, paz e harmonia dentro dos estádios. Mal interpretadas, como se só pudéssemos torcer para um time porque nossos pais, tios, avós ou namorados nos influenciaram.

Eis aqui as que resolveram inverter os papéis e deixar os filhos em casa para ir ao jogo, apesar do julgamento

e do peso da maternidade. As que voltam tarde e ficam até tarde na rua comemorando um título. As que vão sozinhas ou com outras mulheres e que se acolhem em prol do bem de todas. Um dia, eu fui só uma menina, filha de uma mãe palmeirense e de um pai são paulino. Que escolheu torcer para o time da mãe, ainda que isso seja mais incomum do que deveria ser.

A menininha que entrou de mãos dadas com seu jogador favorito em pleno Pacaembu na infância. Que balançava bandeira na rua depois das vitórias e discutia com quem quer que fosse na tentativa de provar o amor que sentia por tudo isso.

A garota que precisou provar centenas de vezes que sabe sim o que é um pênalti, um impedimento ou um cruzamento. E que, aliás, muitas vezes sabia muito mais do que qualquer garoto que convivesse.

A adolescente que arrumou o primeiro emprego e logo fez o esforço de ser sócia do clube. Estar sempre perto, sempre nos jogos, sempre nos corredores acompanhando o ônibus da equipe até o aeroporto.

E, ao mesmo tempo, a menina que estava sempre com medo. Sempre precisando atender às ligações da mãe, que também sentiu na pele todas essas coisas mais lindas e mais tristes em ser uma torcedora de futebol. Em ser mulher.

O assédio, os tiros, a corrida da cavalaria e até mesmo

a morte que já viu na sua frente quando tudo que desejava era apenas se divertir. Ser mulher é resistência o tempo todo. É cansativo. Principalmente quando tudo que você faz parece ser errado. Impróprio.

É muito doloroso quando o lugar que você mais ama no mundo não é o seu lugar. Quando a sua casa, a sede do seu time, não é tão aconchegante e segura quanto um lar deveria ser.

Nós ouvimos coisas terríveis. O tempo todo. A juíza da partida que é xingada com adjetivos negativos que apenas remetem ao seu gênero. O "fiu fiu" quando se vai às arenas de shorts em um dia de calor, ainda que os homens estejam sempre quase todos sem camisa e que ainda assim ninguém os perturbe.

O convite absurdo que cheguei a receber em um bar durante a final do Paulistão de 2025 enquanto assistia ao jogo com minhas amigas. "Você pode ir ao meu após depois do jogo tomar um banho comigo?".

Mesmo assim, é o meu rosto que apareceu na TV. Era eu ali espremida na grade tentando ver, com meus míseros 1,49m de altura, o ônibus da equipe sair do Centro de Treinamento. É a minha foto que foi divulgada pelo fotógrafo oficial do meu time como símbolo de perseverança e devoção a um clube.

Batizada por Ademir da Guia, com direito a escapulário, entrada com violinos e tapete verde — não vermelho,

jurei que, apesar de qualquer dor, o Palmeiras sempre seria maior em meu coração.

Não tem nada nesse mundo que me faria abandonar as minhas loucuras. Não existirá um dia sequer em que eu verei um título sem derramar centenas de lágrimas na camisa. Não teve um dia em que acordei menos palmeirense. Menos torcedora.

Esse livro é uma tentativa de resgatar aquilo que perdemos, que nos é tirado à força dia após dia: o direito de torcer. De estar lá. De ser.

É uma memória viva de mulheres que existiram antes de mim e que apitaram o jogo todo até o final, com maestria, poder e competência. É o barulho que fazemos dentro e fora das arquibancadas.

É a prova de que existimos, resistimos e que nada nos fará desistir. Apesar da violência, apesar do abuso, apesar das que não estão mais entre nós e entregaram sua vida em troca disso. Todos os dias, em tantos campeonatos ao redor do mundo.

Se você acha que sabe o que é torcer por algo, tenho certeza de que ainda não sabe o suficiente. Não até escutar mulheres como Larissa, Alessandra, Giovana e Elis. Não até ouvir falar sobre Ignes, Alice, Ângela, Maria Helena, Marina, Rosa, Paula e Maria José. Se o amor pelo futebol vem de berço, mostramos neste Trabalho de Conclusão de Curso que ele vem mesmo é de útero.



"Ser Palmeirense"

Reprodução: Cesar Grecco | @cesar_greco

SUMM

1.	ANTES DE TODOS, NÓS TODAS.....	10
2.	HISTÓRIAS SILENCIADAS.....	20
3.	DONA ALICE, ATLÉTICO MINEIRO.....	28
4.	IGNES HELENA E ÂNGELA AZEVEDO, CRUZEIRO.....	34
5.	VIOÊNCIA, NOSSO RIVAL DIRETO.....	48
6.	LARISSA, PRESIDENTE DA COMANDO AZUL.....	60
7.	MOVIMENTO SÃO PRAELAS.....	80
8.	ALESSANDRA, PALMEIRENSE VERDE.....	94
9.	CONCLUSÃO.....	102
10.	REFERÊNCIAS.....	106

ÁRÍO



HISTÓRIAS SILENCIADAS

Conta-se que o esporte inglês mais amado do mundo, o futebol, chega ao Brasil em meados de 1894, por meio de Charles Miller, filho de pai escocês e mãe inglesa.

Outras teorias dizem que, na verdade, a "pelada" teria vindo pelos mares através dos marinheiros europeus. E há também quem diga que era no Rio de Janeiro, em frente à residência da princesa Isabel, que a bola rolava já nos anos entre 1874 e 1878.

A teoria melhor aceita pelos estudiosos do futebol, no entanto, é a primeira. A versão de um jovem, nascido no Brasil, que acabava de voltar de Londres, onde estudou desde seus nove anos de idade. Com algumas camisas e uma bola em mãos, carregou consigo também o poder de mudar o rumo da cultura nacional brasileira para sempre.

Inicialmente praticado como um esporte de elite, o futebol se difundiu rapidamente nos clubes que já existiam por aqui. Amantes do remo, do tênis, do críquete e até mesmo da esgrima logo abraçaram a nova prática.

Muitas dessas equipes viriam a se tornar os maiores times de futebol que os brasileiros conhecem hoje, como o Vasco da Gama e o Flamengo.

O pioneirismo mesmo fica por conta do São Paulo Athletic Club, que adota a prática futebolística oito anos após sua fundação. Logo depois, é a vez da Associação

Atlética Mackenzie College. Mais tarde, junto do Sport Club Internacional, do Sport Club Germânia Club Atlético Paulistano formam, em 1901, a Liga Paulista de Futebol!

Com o tempo e a inevitável popularização, o jogo de bola oriundo de Miller — nascido no Brás, bairro de muitas fábricas em São Paulo — fazia cada vez mais o gosto dos peões e operários.

É assim, inclusive, que nascem grandes times da cidade, como o Corinthians, o Palmeiras e o Juventus da Mooca: fundados por imigrantes e trabalhadores humildes da metrópole, sobretudo como forma de lazer, socialização e pertencimento.

Além disso, nos pátios das escolas, nas comunidades e periferias da cidade, qualquer terreno baldio já se transformava facilmente em um verdadeiro campo.

Ainda que cada vez mais assumindo um caráter popular, estar presente em uma verdadeira partida de futebol era coisa de gente com dinheiro.

Nas arquibancadas, grandes negócios eram fechados regados a copos de cerveja, acordos eram firmados e parcerias fidelizadas.

Por homens. Sempre formalmente vestidos, usando ternos, gravatas e sapatos sociais.

As mulheres, também. Vestidos longos, luvas e chapéus

adornavam as jovens senhoras, tratadas pela mídia da época como meras acompanhantes, que desejavam agradar aos maridos e filhos, os verdadeiros amantes do esporte.



*Torcedoras do Fluminense reunidas na arquibancada
Reprodução: Fluminense FC.*

Um pouco mais ao lado no mapa, no estado do Rio de Janeiro, o futebol também caía no gosto dos cariocas nesse início de século XX.

Com a grande influência britânica na economia e governo brasileiro desde a época de Colônia, tempos em que a capital nacional ainda ficava localizada no estado, clubes de críquete eram fundados e mantidos por grandes lideranças, dentre elas, Oscar Cox, filho de George Cox, que também acabava de retornar de anos de estudo na Europa, mais especificamente do Colégio La Ville, em Lausanne, Suíça.²

Estes logo incorporaram o futebol, de forma muito semelhante aos paulistas.

Finalmente, em 1901, pelas mãos de Cox acontece o primeiro jogo de que se tem notícia no estado: uma equipe de brasileiros contra outra equipe de ingleses. Um empate. 1x1.

Animado com a prática, mesmo diante de uma torcida de apenas 16 pessoas naquela ocasião, Cox viaja a São Paulo e, ainda mais inspirado, decide fundar o Fluminense Football Club, primeiro clube carioca criado especificamente para o futebol.³

É justamente aqui que, a partir do cronista tricolor Henrique Maximiano Coelho Netto, no início do século XX, as mulheres apaixonadas pelo Fluminense foram eternizadas na história do futebol — aqui e no mundo.

Com o nervosismo e o calor do Rio, as mulheres tiravam suas luvas e lenços e literalmente os torciam, na tentativa de secá-las do suor que escorria em suas mãos.

"Torcedoras". O termo difundiu-se e diversos veículos passaram a usá-lo em notícias, entrevistas e reportagens.

MINAS CONTERRAÇÃO



Bandeiras, fogos, barulho, loucura

pombo, que voa sem saber onde pousar, divide as opiniões. Voando, é aplaudido por uns e vaiado por outros.

Começado o jogo, em todas as partes do estádio as mulheres mineiras fazem uma rebelião de noventa minutos. No Mineirão, elas cantam, xingam, vãoam, fumam, choram, usam os palavrões e têm os chitiques que jamais poderiam ter no centro de Belo Horizonte. Jovens, poucas têm quarenta anos, em nada se parecem com a mulher mineira tradicional. Em lugar dos terços de suas mães, seguram as bandeiras do Atlético ou do Cruzeiro. Durante o jogo, têm os mesmos direitos dos homens.

O goleiro Raul, que usa camisa amarela e cabeleira grande, aparece na boca do túnel e pisa o gramado. As mulheres atleticanas, ironizando, fazem "fui-fui" e gritam:

- Wanderléa, Wanderléa!
- As mulheres cruzirenses, em coro, respondem à provocação, glorificam Raul:
- Lãin-dooóó!
- A consagração levanta novo ataque atleticano:
- Refrigerados! Refrigerados!

só ensurdece mesmo, ganha a loucura, quando as bandeiras preto-e-brancas se agitam nervosas, tomando tudo: são os onze jogadores do Atlético que apontam na boca do túnel. E o Mineirão parece agitar-se e mugir demorado, ecoando longe, para além das paredes de cimento armado:

- Gaa-lô!

As charangas, rápidas e nervosas, estão como que procurando a desforra de algo indefinível, talvez a popularidade do adversário. Atacam dos dois lados, juntamente com bambos, apitos, gritos, buzinas, que se confundem com as canções populares, com os palavrões em voz gritada e os fogos de artifício pipocando. Os foguetes estão proibidos, mas continuam a entrar no estádio.

Sobre o palavrão, já falou um psicólogo:

- O espectador de futebol deve falar o palavrão, senão pode chegar ao enfarte.

Os bares, em toda a volta das arquibancadas, continuam entupidos de gente. A maioria é de homens que bebem muita cerveja gelada. Os preços, aliás: NCr\$ 1,20, por uma cerveja; um ovo cozido, NCr\$ 0,20; um bolinho de feijão, NCr\$ 0,15;

Uma velhinha não perde a missa das 6 horas da tarde, todos os domingos, na Igreja de São José. Só por isso não vai ao Mineirão. Mas sustenta, orgulhosa, que é atleticana "há mais de trinta anos". Ela vai subindo as escadarias com um terço na mão esquerda e um rádio de pilha na outra. De repente, pára, aumenta o volume, desliga o rádio e senta no degrau, sem dar conta das pessoas que passam. O Cruzeiro acaba de empatar o jogo.

*Trechos da matéria
"É uma revolução"
da edição de
novembro de 1968 da
Revista Realidade.
Reprodução: Revista
Realidade*

**DONA
ALICE,
ATLÉTICO
MINEIRO**



*A mãe do Galo.
Reprodução: Globo Esporte*



Dona Alice e crianças, a responsável pela primeira sede do Clube Atlético Mineiro / Reprodução: Clube Atlético Mineiro

Fora do eixo Rio-São Paulo, mais especificamente em Minas Gerais, a novíssima Arena MRV é a casa do Clube Atlético Mineiro.

O acesso aos estacionamentos do estádio se dá na Rua Alice Neves, homenagem prestada ao clube pela "Matriarca do Galo". A modificação da nomenclatura da via foi oficializada por meio da Lei nº 11.764/2024, publicada com orgulho no Diário Oficial do Município. O apelido não foi dado à toa. Afinal, a história do time está intrinsecamente ligada à dela. E a dela, de 97 anos, ao time.

Mãe de Mário Neves, um dos fundadores do clube, que nasceu como um time de crianças que jogavam bola no Parque Municipal, era em sua residência, na Rua Guajajaras número 317, que as reuniões e decisões aconteciam.⁴

Uma brincadeira que virou coisa séria.

Em suas mãos foram costurados os primeiros uniformes, bermudas, escudos e bandeiras.

Camisa preta, gola branca.

Um mastro enferrujado guardado nos depósitos da Central do Brasil.

"Ela se considerava a dona do Atlético", diz a neta de Alice. E não era problema nenhum levar um guarda-chuva aos

jogos para bater em quem ousasse mexer com os meninos.⁵

O escritor e médico Pedro Nava relata em seu livro de memórias da época da graduação em Belo Horizonte, o amor incondicional dela pelo Atlético. "A dona da casa só perdia o bom humor quando o mencionado Atlético não estava na ponta ou perdia na cancha", escreve.⁶

Como se não bastasse, Dona Alice participou também da reunião de fundação da Liga Mineira de Esportes Atlético, atual Federação Mineira de Futebol (FMF), em 28 de janeiro de 1915.

E, como quem enxergava à frente do seu tempo e dos preconceitos que enfrentava, criou também a torcida feminina do Alvinegro Mineiro.

Alice Neves batia de porta em porta, pedindo autorização aos pais para que suas filhas também pudessem viver aquele amor de perto.

E assim, desde o primeiro jogo, as mulheres ocuparam o lugar da torcida, vestindo sempre blusas brancas e saias pretas.

No ano de seu centenário, Dona Alice realizaria um de seus maiores sonhos: ver o Atlético Mineiro vencer o Campeonato Brasileiro pela primeira vez.

Uma vida que não foi longa o suficiente, ainda que tenha cravado na história um nome eterno.



**IGNES
HELENA E
ÂNGELA
AZEVEDO,
CRUZEIRO**



Ação social com crianças promovida por Ighes incentivaram a popularização da Raposa / Reprodução: Ludopédio

"Sou Cruzeiro". Sem mais nem menos. Sem medo.

Essa foi a resposta dada por Igenes Helena de Abreu durante uma entrevista ao Bola na Área, quando foi questionada sobre qual o time do seu coração.⁷ Ainda que, naquela ocasião, tivesse recebido um convite para trabalhar junto ao Atlético Mineiro, seu rival direto no estado.

Redatora do Jornal Correio de Minas, ela havia sido convidada para melhorar publicamente a imagem do clube, que estava lá embaixo com a conquista do tri estadual e da Taça Brasil pelo seu próprio time.

Naquela época, 54,1% da população mineira torcia para o Galo e, apenas 26,7% para o Cruzeiro.⁸ Isso não era suficiente para intimidá-la.

A torcedora do Celeste, então, naquele mesmo ano, passou a comandar o setor de Comunicação do Cruzeiro, onde permaneceu no cargo de 1967 até 1970.

Com amor e dedicação, se empenhou em aproximar o time dos torcedores. Assim como ela era.

"Abrimos espaços para o trabalho da imprensa, criamos um serviço de atendimento aos fãs que não deixava carta sem resposta (...)", relatou Igenes ao livro do cruzeirense Jorge Santana.⁹ Até mesmo campanhas do agasalho e visita de jogadores às escolas foram organizadas.

O reconhecimento veio de forma breve. Ighes Helena foi a única mulher autorizada por João Saldanha a entrar no Retiro dos Padres, concentração da Seleção Brasileira durante a Copa de 1970, sediada no México. Tudo para levar as cartas e mensagens dos torcedores aos craques.

Junto a ela, o trabalho de sua companheira, Ângela, também se destaca.

Filha do jogador 'Seu Azevedo', herdou do pai o amor pelo clube desde os tempos de Palestra, antigo nome do Cruzeiro, proibido durante o governo de Getúlio Vargas, que vetou instituições brasileiras de usarem nomes e símbolos ligados a nações inimigas na Segunda Guerra Mundial.

Um tempo em que os jogadores de futebol eram pedreiros, mecânicos, estudantes — profissões que exerciam fora da hora do almoço, quando podiam, enfim, jogar futebol.

O Cruzeiro esteve em todas as etapas de sua vida. Da infância ao caminho profissional depois de adulta.

Da festa de 15 anos realizada na sede do clube aos domingos de festa junina.

Seu caminho certamente não demoraria para se cruzar com o de Ighes Helena. Em uma dessas ações sociais organizada por ela, Ângela a ajudou a empacotar

materiais escolares, cobertores e blusas de frio a serem distribuídas nas instituições de ensino.

Coincidentemente, o departamento de Relações Públicas do Cruzeiro estava vago. "Não disse que era filha do Azevedo. Fui lá, fiz a prova e passei. (...) Comecei a trabalhar no Cruzeiro em fevereiro de 1979", relata Ângela.¹⁰

A partir daí, as 4 linhas do campo ficavam cada vez mais próximas da arquibancada. A criação da ASTOCA — Associação das Torcidas Organizadas do Cruzeiro — foi uma forma de unir a proposta de torcidas organizadas, formadas em grande maioria por estudantes de jornalismo, medicina, jovens e familiares, à necessidade de conter a violência no Mineirão, maior estádio de futebol do estado.

A ideia juntou-se também ao prazer de organizar a festa da torcida e promover ainda mais a imagem do clube.

Papéis picados, impressões, bandeiras e apitos eram confeccionados por Ângela e pelos conselheiros do clube.

Muitos desses materiais passaram a ser entregues aos torcedores ainda em suas casas, como a proposta da revista oficial do Cruzeiro, posters autografados, chaveiros e demais adornos personalizados com as cores e escudo do time.

Esse envolvimento com a promoção do clube azul e branco levou Ângela ao departamento de marketing, seu último cargo antes de seguir carreira fora do mundo esportivo.

Por isso, juntas, Igenes e Ângela, são reconhecidas não apenas como grandes torcedoras do clube, mas como verdadeiras raposas — como o time costuma ser apelidado —, farejando oportunidades e marcando nomes femininos na história.



*Igenes ao lado de Raul e Dirceu Lopes.
Reprodução:
Ludopédio*

*Ângela Azevedo
(centro), em partida
do time feminino do
Cruzeiro nos anos
1980 | Reprodução:
Estado de Minas*





**MARIA HELENA,
ROSA, PAULA
SÃO BENTO**



**MARINA,
E MARIA JOSÉ,**

A primeira torcida feminina organizada da história do país.

Em 21 de setembro de 1975, advinha das irmãs Ramalho a fundação da Tira-Prosas, com o intuito único e maior de apoiar incondicionalmente o São Bento, um dos mais antigos clubes interioranos de São Paulo.

Na cidade de Sorocaba, Maria Helena, Marina, Rosa, Paula e Maria José Ramalho, influenciadas por um pai corintiano roxo e uma mãe empoderada, tiveram a coragem de seguir em frente com o amor pelo seu time e tentar abandonar todo o machismo e preconceito da época.

A Tira-Prosas conseguiu se manter ativa por quase 11 anos e, ainda que também fosse frequentada em partes por homens, intitulava-se como "feminina" e era comandada por mulheres.

Maria Helena, vice-presidente do Conselho em 2024, afirma que, ao contrário do que pensavam, receberam muito apoio da mídia e, principalmente, do clube. "

Com as amigas que vinham construindo em viagens Brasil a fora, foram também edificando memórias e boas relações com as demais torcidas organizadas. Fazia parte do bom costume delas cumprimentar e receber

as torcidas visitantes da forma mais cordial possível.

Ainda assim, recebiam muitos olhares negativos e descrentes da força que uma torcida comandada por mulheres poderia ter. Procuraram, por isso, fazer cursos de arbitragem na Associação Sorocabana de Árbitros (ASA), em uma tentativa de provar que entendiam, sim, de futebol

independentemente do gênero com o qual se identificam.

Ainda nas palavras de Maria Helena, "a hostilidade durou até um certo tempo. Mas, como viram que nós não íamos desistir, acabaram se acostumando".¹²

Apesar disso, o medo e a repressão nunca deixaram de fazer parte do dia a dia das torcedoras.

Em uma partida realizada em 1981, precisaram se esconder nos banheiros do estádio do Palmeiras durante jogo entre XV de Piracicaba e São Bento.

De cabeça erguida, passaram por cima de todos esses obstáculos e começaram a perceber que a Tira-Prosa vinha atraindo a atenção de outras mulheres, vizinhas e até mesmo de garotas fora do estado de São Paulo.

Juntas, fizeram história e chegaram até mesmo a costurar o primeiro bandeirão do time, assim como flâmulas e camisas.

Não por coincidência, passaram a ocupar cargos na área administrativa do Clube por volta de 2016, bem como do Conselho Diretor.

Apesar dos momentos difíceis, dividiram, umas com as outras, memórias de glórias.

Em 1976, durante viagem ao Maracanã, na semifinal do campeonato Brasileiro daquele ano, Fluminense e Corinthians se enfrentaram em um jogo que, mais tarde, ficaria marcado na história como a 'Invasão Corintiana', com mais de 70 mil torcedores alvinegros.

Naquele dia, decidiram vestir as cores do São Bento com o escudo do alvinegro, além de estender uma faixa com os seguintes dizeres: "O São Bento torce pelo Corinthians". Em coro, todo o Rio de Janeiro vibrava "São Bento, São Bento, São Bento".

Esse amor, sem dúvidas, foi passado para toda a família. Os filhos mais velhos de Maria Helena são torcedores assíduos do Bentão. Sua filha, musa do clube, e seu filho, o mascote por baixo dos trajes.¹³

Seguramente, uma das histórias mais emocionantes que poderiam contar é a da inauguração dos refletores do Estádio Municipal Walter Ribeiro.

Grávida naquela época, Maria Helena assistia às luzes do campo acesas enquanto aguardava para, também, dar à luz.

O jornal local noticiava: "Quando meus olhos se acendem... a cidade inteira brilhará".¹⁴

Se o sangue azul significa nobreza, as irmãs Ramalho certamente sabem que construíram um império.

Quando meus olhos se acenderem... a cidade inteira brilhará

Promessas foram feitas e não cumpridas. Vício dos homens. A ânsia de nascer não foi maior do que hoje, quando vou ganhar meus olhos. Em todo meu tempo de existência (quase quatro anos), mesmo sem a luz do luar pude sentir as pessoas que passaram, as pessoas que chegaram e as que estão para chegar.

Aprendi que não é preciso ser adulto para saber amar. É só dar asas ao coração. Não necessitamos de rótulos para entender do amor; para sentir amor. O amor é natural.

Mesmo sendo eu um concreto de cimento armado, ganhei capacidade para perceber a tristeza de um povo bom que luta pela sobrevivência. Ainda não entendo o porquê de tanta fartura para uma minoria, e muita miséria para outra grande maioria de gente boa. Coisas do homem... Sou um pouco de vida com todas as raças e classes sociais. Conheço o preconceito.

Em mim, o povo cria suas amizades, suas ilusões; vem se desabafar. Aqui ele chora suas alegrias e tristezas.

Sou o instrumento do samba que o povo canta. Sou a fantasia do carnaval que o povo veste. Sou a ilusão da loteria que o povo sonha. Sou o palco gramado e florido da divina dança. Sou a casa que abriga a paixão maior dos brasileiros... Há quatro primaveras que espero meus olhos.

Chegou o dia. Hoje. Conheceréi a noite e saberei a beleza que sou. Poderei ver e sentir esse povo que abrigo. Passarei a minha emoção nos rostos das pessoas que aqui estarão comigo e com meu irmão São Bento.

Hoje, será um novo sol no coração das pessoas. Brilhará o azul e branco como brilha os olhos das crianças. Será a festa da luz dos meus olhos, dos nossos olhos. A luz de um novo tempo. Quem sabe, um tempo melhor. A claridade da justiça. O futebol será a festa clara e limpa, como a vida virá a ser. Quero com o meu brilho a união das raças, sem dose de alienação. Que a luz dos meus olhos seja a claridade de um tempo melhor de um caminho bonito. Hoje, quando os meus olhos ganharem a vida, sei que lá do céu uma estrela vai brilhar com muito mais intensidade. Todas as noites que os meus olhos se acenderem, essa estrela (ele) vai sorrir, e a cidade inteira brilhará.

Assinado: CIC.

Foi a maneira que a jovem Marina Molli Ramalho encontrou para mostrar a sua alegria com a inauguração dos refletores do Estádio Municipal, o grande acontecimento de hoje que na certa será testemunhado por uma platéia superior a 20 mil pessoas. Um marco histórico na vida esportiva de Sorocaba.

Sorocaba, Quinta-feira, 13 de Maio de 1982 — N.º 7.150

DIÁRIO DE SOROCABA —

*Dar à luz: os
refletores
e o filho |
Reprodução:
Globo
Esporte*



Marina, Rosa Maria e Maria Helena, durante partida do São Bento | Reprodução: Focas na Rede



Uniformes da Tira-Prosra bordados com o mascote | Reprodução: Globo Esporte

時

**VIOLÊNCIA,
NOSSO RIVAL
DIRETO**

Que o futebol é um esporte majoritariamente masculino não é preciso mais dizer.

O reforço da ideia de virilidade, força e clima hostil é um dos pontos reforçados a partir da prática do esporte.

Mas o que exatamente isso significa na prática?

No dia 24 de janeiro de 2024, o Athletico Paranaense realizou o primeiro jogo da temporada em sua Arena de portas fechadas. Para eles. Após episódios de violência ocorridos em um clássico contra o Coritiba em fevereiro do ano anterior.

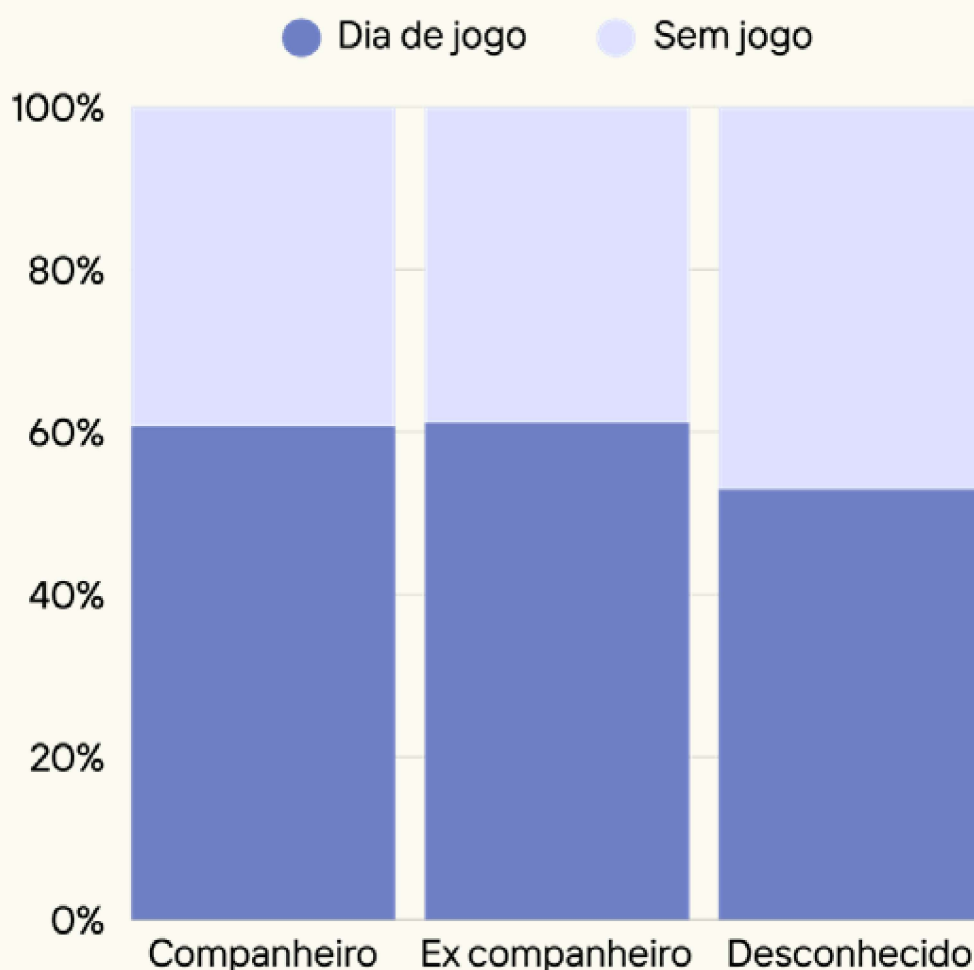
A punição? Entrar em campo apenas com o grito delas, de pessoas com deficiência e crianças de até 12 anos. A ocasião foi descrita pelas torcedoras da partida como mais do que uma partida. Mas como um verdadeiro jogo político.

Conforme Pesquisa do Ibope/Repucom de 2019, encomendada pela Federação Paulista de Futebol (FPF)¹⁵, a maioria das mulheres não conta com incentivo de pessoas próximas a elas para que frequentem o ambiente dos estádios de futebol.

O principal motivo? A violência.

O problema é que, mesmo que guardadas dentro de casa, onde deveriam sentir-se seguras, o número de registros de Boletins de Ocorrência de ameaça contra

mulheres aumenta 23,7% e o número de registros de B.O.s de lesão corporal cresce 20,8%¹⁶, sendo os dias de maior ocorrência às quartas e domingos, o que confirma os números levantados anteriormente. As estatísticas são ainda piores para jogos em que o time do agressor participa como mandante: 25,9% de aumento das lesões corporais dolosas denunciadas contra 7,6% quando o time é visitante em outra arena.



Fonte/Reprodução: Instituto Avon e Fórum de Segurança Pública

Assim, de que forma mais mulheres poderiam se interessar em frequentar os estádios de futebol, se não se sentem seguras para experienciar o esporte nem mesmo dentro de seus lares?

No Relatório de Violências no Futebol Brasileiro de 2024¹⁷⁷, São Paulo e Rio de Janeiro aparecem como os estados mais perigosos quando se trata da

visitação de arenas, com taxas entre 10% e 15% das ocorrências em 2023.

Mediante essa realidade, boa parte dos governos ao longo do território brasileiro mantém o regime de torcida única – ou seja, com arquibancadas ocupadas pelos torcedores da casa. São exemplos: São Paulo, Paraná, Goiás, Bahia, Alagoas e Rio Grande do Norte.

O problema é que a maior parte dessas ocorrências é registrada fora dos estádios (70%), o que esquenta o debate de que essa não é a solução mais plausível para se pacificar o esporte. Outro dado que reforça essa ideia é o fato de que a maioria das brigas e ataques acontecem antes (39%) ou após (41%) os jogos – e não durante (17%).

Já a maioria das mortes, sobretudo após confusão entre duas ou mais torcidas organizadas, observa-se que as armas de fogo e os acidentes de trânsito são os principais causadores.

Durante o ano de 2023, 30 torcedores perderam a vida dessa forma, com o incidente diretamente ligado à violência no futebol, como emboscadas no trajeto até o estádio, brigas fora da vigilância policial em regiões periféricas e após ameaças.

Dentre as vítimas, Gabriela Anielle. Palmeirense, morta após uma confusão protagonizada entre as torcidas de Palmeiras e Flamengo, atingida na cabeça por uma garrafa de vidro lançada contra uma das paredes de aço de contenção que separava a entrada das duas torcidas no Allianz Parque, a Rua Padre Antônio Tomás.

Os pais aguardavam pela entrada da filha já dentro do estádio, que nunca mais pôde torcer pelo seu time.

A Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) analisa o aumento das penas para quem se envolver em incidentes violentos em eventos esportivos ou invadir locais restritos a competidores e árbitros. Hoje, a Lei Geral do Esporte (Lei 14.597, de 2023) prevê detenção de 1 a 2 anos, além do pagamento de multa para torcedores que causarem episódios de violência e distúrbios.

A ideia estudada é que haja um aumento dessa pena, avançando para 2 a 4 anos, ou 4 a 8 anos se o ato resultar em morte ou lesão corporal grave.¹⁸

Mesmo em países desenvolvidos, a realidade não é muito diferente. Conforme o "Football-related arrests and banning orders: 2023–2024", produzido pelo

governo britânico, a taxa de prisões na Inglaterra e no País de Gales, ligadas a episódios violentos no futebol é de apenas 5,5 prisões por 100.000 espectadores. Ao todo, apenas durante os dois anos observados em questão, 2.584 prisões foram concretizadas.

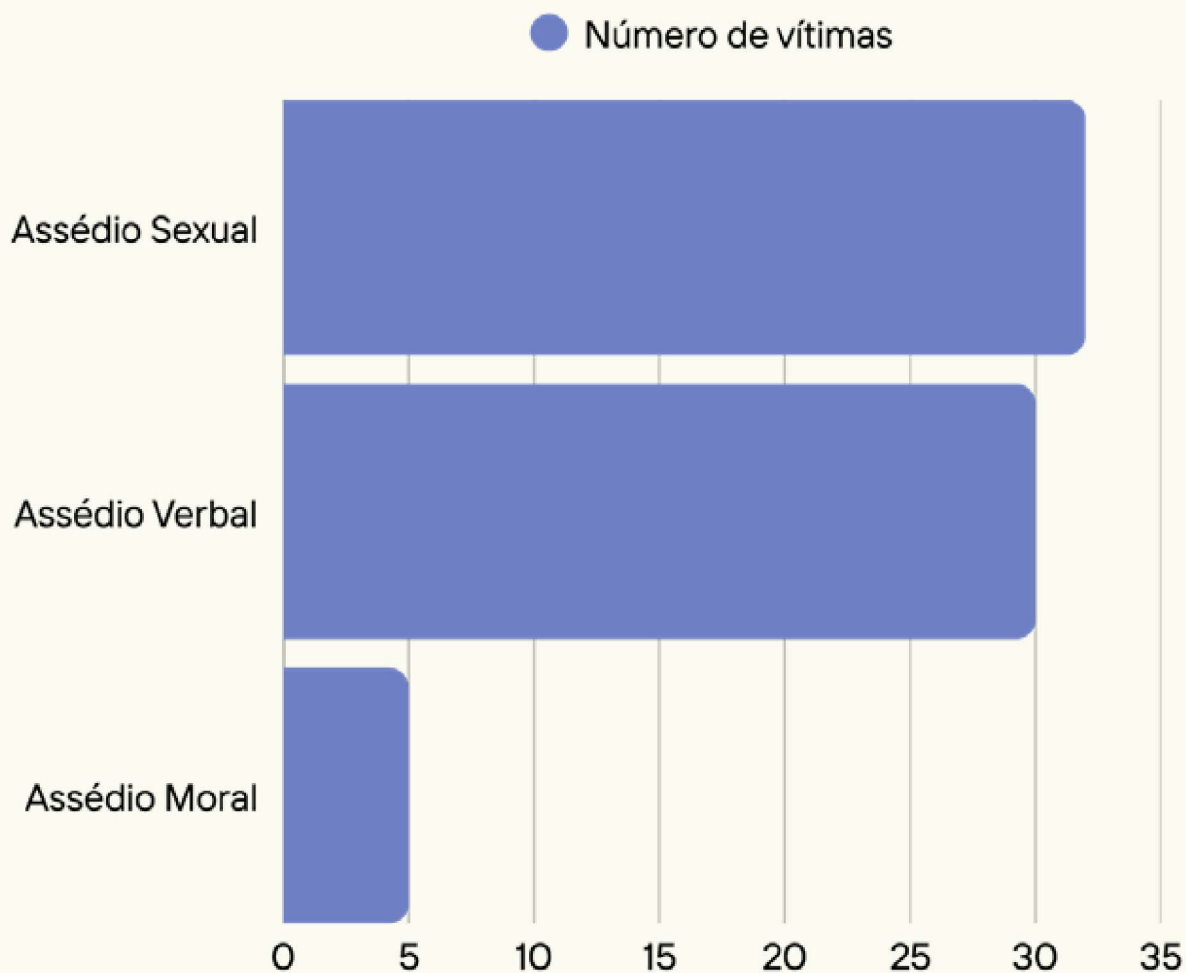
O problema é que as mulheres não se sentem atacadas apenas através de socos, chutes ou mortes. Do caminho de casa até o estádio, muitas vezes o maior medo mesmo é o do assédio e da violência sexual.

O estudo encomendado pela Organização beneficente antidiscriminação Kick It Out¹⁹, comprovou que mais de 50% das mulheres ouvidas relataram já ter sofrido com sexismo em dias de jogo na Inglaterra. Além disso, 85% das 1.502 mulheres ouvidas optaram por não denunciar tais casos devido ao medo de não serem levadas a sério.

Ademais, durante o trajeto até o estádio, 48% delas afirmaram terem que lidar com comentários e assovios, sobretudo em regiões de bares e cafés.

No Brasil, as frequentadoras do estádio do Mineirão descrevem uma realidade muito semelhante.

Das 46 mulheres participantes da pesquisa²⁰ que afirmaram já ter sofrido assédio na arquibancada, a maioria delas cita constrangimento com gestos e palavras ofensivas, importunação maliciosa e gestos de conotação libidinoso.



Fonte/Reprodução: Estudo Assédio no Estádio de Futebol: Implicações no Lazer das Torcedoras | Amanda Maria Ramos Lopes, UFMG. 2023

Nos últimos anos, muitos estádios passaram por reformas visando assegurar, além de maior conforto e experiências mais imersivas aos torcedores, ambientes mais seguros.

Esse é o caso do antigo Palestra Itália, atual Allianz Parque, por exemplo, que após a implementação de catracas com reconhecimento facial para ingresso ao ambiente interno da arena, em meados de maio de 2023, facilita a identificação dos presentes e sua posterior punição caso seja necessário.

O exemplo foi seguido também pelo maior rival, o Corinthians, na Neo Química Arena, em abril de 2025. Por lá, a Polícia Militar já foi capaz de prender oito homens procurados pela Justiça, através da inteligência da tecnologia em identificar os foragidos na entrada e enviar alertas imediatos aos policiais de plantão.

O estudo Mulheres & Futebol, do W.Lab, contrapõe, no entanto, que essa modernização — até mesmo elitista, de certa forma, à medida que dificulta o acesso de pessoas de baixa renda enquanto encarece os ingressos — não é o bastante.

Elas pedem por mais câmeras e policiamento, além de uma maior acessibilidade para seus filhos. A limpeza adequada do banheiro feminino também entra em jogo.

Como consequência, durante o campeonato estadual em São Paulo, apelidado Paulistão, a porcentagem

de público feminino era de apenas 14%, aponta o Datafolha.²¹

Por isso, os 16 clubes da competição decidiram se unir e criar o movimento #ElasNoEstádio durante a campanha de 2020. A pesquisa foi encomendada pela Comissão de Comunicação e Marketing da FPF.

Assim, ainda que 94% das mulheres no país torçam para algum time de futebol, apenas 1 em cada 3 delas frequenta os estádios. Média essa que já foi muito pior, mesmo que não existam números específicos sobre o comparecimento de mulheres aos estádios em décadas passadas — já que esse nunca foi um verdadeiro interesse da mídia e dos institutos de pesquisa.

É ainda mais difícil pautar mudanças efetivas nesse contexto quando pensamos em quem está à frente das tomadas de decisões do mundo esportivo: os homens.

Segundo pesquisa de 2021 da revista *Gênero e Número*, entre os 255 dirigentes — isto é, presidentes, vice-presidentes, secretários, superintendentes e diretores — de 25 clubes brasileiros (20 da Série A e 5 da Série B), apenas 7 são mulheres, o que representa somente cerca de 2,7%. e cenário se repete também na maior instituição futebolística do país, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Ainda que a entidade exista desde 1979, em seus 44 anos de história nunca houve uma única mulher ocupando cargos de gestão.²²

Por isso, mesmo diante de um cenário ainda tão inóspito perante a torcida feminina, é preciso que elas continuem ocupando as arquibancadas e lutando contra todas essas estatísticas.

Conhecemos o passado e quem abriu as portas. Vamos conhecer agora algumas das que ainda são responsáveis por mantê-las abertas.



**LARISSA,
PRESIDENTE
DA COMANDO
AZUL**



São Caetano do Sul, interior do estado de São Paulo. Próximo à Avenida Walter Tomé, endereço do Estádio Municipal Anacleto Campanella, mora Larissa Gil Coca. Debaixo do mesmo teto, vivem também seus pais, a quem deve boa parte de todo o maior amor do mundo que carrega em seu peito: o amor pelo futebol. Não há dúvidas de que sempre foi encantada pelo esporte, pela bola e pelo jogo.

Até hoje se recorda de estar assistindo à partida do Campeonato Brasileiro em 27 de outubro de 2004, quando presenciou o evento traumático da morte do zagueiro Paulo Sérgio Oliveira da Silva, Serginho, após uma parada cardiorrespiratória. Na época, Larissa ainda não sabia que seria uma das mais fanáticas torcedoras do azulão do ABC paulista.

Isso porque, ainda que nascida em família corintiana, cresceu ouvindo duas versões de uma mesma história.

De um lado, uma mãe torcedora roxa, que vivia no meio da principal organizada do Timão, a Gaviões da Fiel.

Ela contava a Larissa que sequer aguentou entrar no estádio e acompanhar de perto a final de 1977 até o fim, quando Corinthians e Ponte Preta disputaram o título do Paulistão. Foi, portanto, do lado de fora que presenciou o que viria a ser uma das mais importantes conquistas do time do povo.

Do outro, um pai conservador, cabeça dura e que

sempre lhe alertara: "Esse não é o seu lugar". Nada que impedisse sua mãe de aproximar Larissa da loucura que significava o mundo do futebol em sua vida.

Ainda em sua meninice, sentiu então correr em suas veias o sangue azul, não daquele que ficticiamente relacionamos à nobreza. Mas do clube de sua terra, de sua vizinhança: O São Caetano.

Fundado em 1989 como resultado da fusão entre dois outros times, o Clube dos Amigos e o Rio Branco, representa a história de uma equipe que tão rápido ascendeu quanto decaiu no cenário futebolístico brasileiro.

A Associação Desportiva São Caetano viveu seus momentos de glória em meados dos anos 2000, com a conquista dos Campeonatos Paulistas da primeira e segunda divisão em 2000, 2004 e 2007, o vice-campeonato da Libertadores da América em 2002 e mais dois títulos Brasileiros consecutivos pela primeira divisão, em 2000 e 2001.

Quatro anos após sua fundação, já disputava a elite do torneio estadual, o que perdurou apenas até 1995, quando caiu para a Série A3 da disputa novamente.

Entre idas e vindas, subidas e descidas, ele ainda carrega consigo a terceira maior torcida interiorana do estado, ficando atrás apenas do grande rival, Santo André, e do São Bernardo, com uma média de 177 mil

seguidores nas redes sociais.

Entre eles, Larissa.

Uma história que começa em sua vida após receber um convite inusitado de um colega de sua escola: ir junto de sua grande amiga Amanda ao jogo do São Caetano.

Era uma tarde fria. Gélida como são as arquibancadas de uma equipe do interior que pouco tem agenda durante o ano corrido.

Disputando em 2025 a quarta divisão do campeonato estadual, apelidado como Paulistão A4, o São Caetano luta para levar ao menos um pouco de alegria aos seus torcedores, nutrindo em cada um deles a esperança de se chegar à grande final. O histórico, no entanto, não é dos melhores. Afinal, o azulão passa pelo seu terceiro rebaixamento consecutivo.

Mas se nas próprias palavras de Larissa, "a torcida não tem confiança", ela é extremamente segura sobre aquilo que encontrou como vocação em sua vida!

Presidente da torcida organizada "Comando Azul" aos 33 anos é uma das únicas chefias femininas desse tipo de organização no Brasil – e talvez até no mundo!

Eleita por votação democrática, escolhida pela maioria de um grupo quase que exclusivamente masculino, ela ocupa o posto oficialmente desde 2008.

Porém, antes mesmo dessa grande consagração, já fazia parte da diretoria, sempre se firmando nestes espaços como a única mulher em cargos de tamanha representatividade dentro da torcida.

Nascida como uma das primeiras torcidas uniformizadas do Azulão, a Comando Azul existe desde 1995, ao lado de outras organizações de torcedores, como Gladiadores, Jovem Azulão e Bengala Azul.

Uma história que começa nas mãos de "Barata, Juliano, Sona, Muca e Caio moradores de São Caetano do Sul e amigos há alguns anos", conforme é relatado no perfil online da própria torcida.

"Com o intuito de apoiar e incentivar o A.D. São Caetano", lutam para que, não só o futebol masculino melhore, mas também o feminino, o vôlei, o futsal.

O símbolo carregado em seu escudo leva um pássaro forte, musculoso e, claro, azul, instituído como mascote em 2008, mesmo ano do início do comando de Larissa. Em suas mãos, ou melhor, asas, carrega consigo uma bomba, ideia de Sona, inspirado pelo time americano de beisebol "California Angels".

Uma história que ela conhece bem e faz questão de honrar.

Mesmo sem uma quadra para chamar de sua, a presidente faz questão de abrir a porta de sua casa para tudo aquilo que a Comando precisar. É com



Fonte/Reprodução: Estudo Assédio no Estádio de Futebol: Implicações no Lazer das Torcedoras | Amanda Maria Ramos Lopes, UFMG. 2023

seu esforço e com o esforço de sua mãe que todo o material necessário para a festa nas arquibancadas é preparado, lavado e guardado com muito carinho e cuidado. Das bandeiras às faixas. E até mesmo do batuque nos surdos que arrisca de vez em quando.

**“É UMA
FAMÍLIA”, DIZ
EMOCIONADA.**

Apesar do ambiente majoritariamente patriarcal que se consolida em torno das torcidas organizadas, ela garante viver cercada por cuidado, carinho e compreensão, sendo sempre muito respeitada por todos os demais membros.

Apoio esse que nem sempre recebe de seu pai, relutante e preocupado com a filha e todo seu fanatismo e envolvimento com a torcida.

Mas não é só a velha e enraizada concepção machista de que "futebol não é lugar de mulher" que chateia Larissa.

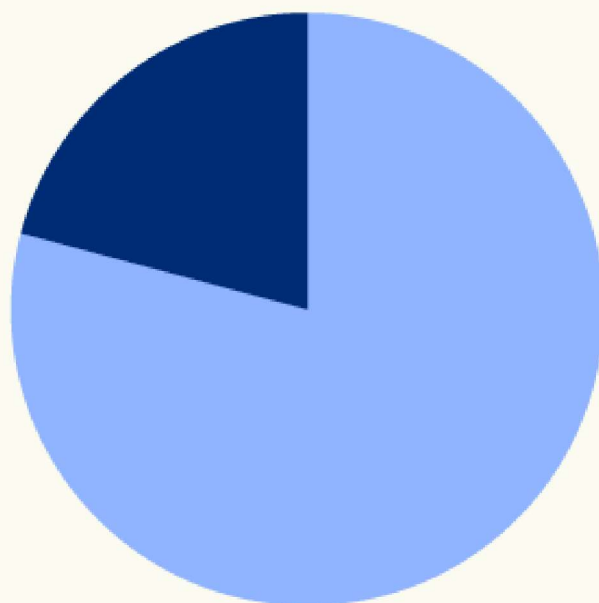
A caetanista, como são chamados os torcedores do São Caetano, precisa saber lidar também com os ares de desprezo que sopram contra os times interioranos.

Isso porque no Brasil e na cultura esportiva nacional como um todo, muitas vezes, essas equipes são escolhidas como uma segunda opção, muito mais admiradas devido ao carinho que se tem pela terra natal do que pela devoção ao próprio clube em si. Muitos torcedores costumam tirar sarro, chamando-as de "torcidas terceirizadas".

Isso acontece devido a diversos fatores. O principal deles, sem dúvida, é a falta de apoio e divulgação que os clubes menos favorecidos recebem da mídia, por exemplo.

De acordo com o site Futebol ao Vivo Brasil, que monitora transmissões televisivas de partidas de futebol no país, até 26 de julho de 2025 o São Caetano teve 211 partidas televisionadas desde 2018, das quais:

Transmissões pagas
20.9%



Canais Abertos
79.1%

Isso significa dizer que, da Copa Paulista, apenas 80 jogos puderam ser assistidos pelos torcedores do São Caetano do sofá de casa, entre transmissões pagas e gratuitas.

Isto representa apenas 10,35% do total.

Os números são ainda piores quando se fala das séries A3 e A4, também disputadas pelo clube, sendo de respectivamente 17 e 15 jogos, ou 8,06% e 7,11% de todas as partidas.

Os números são ligeiramente melhores quando se trata das divisões acima do Paulista, A2, com 22,27% e A1, com 18,01%.

Outro fator impactante nessa realidade de ocultação dos times de menor expressão no resto do Brasil é a extensão territorial e, conseqüentemente, a priorização do eixo sudeste.

Mesmo no nordeste da nação, em muitas regiões, o que ainda se assiste na televisão em grande maioria são as partidas cariocas de Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense, o que explica a grandiosidade do número de torcedores de cada um desses times fora do estado do Rio de Janeiro.

Não à toa, a pesquisa "O Maior Raio-X do Torcedor", feita em parceria por Quaest/CNN/Itatiaia em 2024, revela que 72% dos torcedores do Rubro-Negro estão fora

do Sudeste. Em paralelo, 24% dos vascaínos residem na região Nordeste.

Larissa sabe muito bem que essa não é apenas uma questão de ego, de se querer bater no peito e vislumbrar grandes números e menos arquibancadas vazias. Isso é um verdadeiro problema financeiro para muitos clubes do interior – não só para o São Caetano.

Afinal, menos exposição na TV significa perda de interesse de patrocinadores, que injetariam dinheiro e recursos dentro de um clube, e, conseqüentemente, visibilidade, ponto importante sobretudo na busca de se atrair um maior número de torcedores.

Entre os 30 clubes mais valiosos do Brasil em 2023, conforme a consultoria da Sports Value, levando em consideração dados sobre caixa, imobilizado como centro de treinamento e estádio, potencial de mercado consumidor, tamanho da torcida, engajamento e direitos esportivos, os únicos clubes em São Paulo de menor expressão que aparecem na lista são Red Bull Bragantino, Guarani, Portuguesa e Ponte Preta.

Lidar com essa discrepância econômica e numérica tem sido um dos maiores desafios de Larissa na chefia da Comando.

"O pessoal não vai aos jogos pois tem outros times para ir acompanhar", lamenta.

Outros desafios internos também têm manchado a reputação do clube e afastado o interesse da mídia, parceiros e investidores.

Em 2022, a mudança de presidente do clube, também ligado à Associação Circuito das Compras (a famosa feirinha da madrugada), foi ocasionada após uma operação da Polícia Civil que investigava esquemas de lavagem de dinheiro.

Em meio a toda essa confusão e ao péssimo momento da equipe azul e branca, a torcida uniformizada chefiada por Larissa tomou à frente de uma conversa entre as duas pontas: torcida e instituição. "Uma oportunidade de comunicar as suas ideologias", em uma tentativa de resgatar os princípios da Comando e o respeito para com a instituição.

Outra grande frustração com certeza é a de ter que juntar a torcida no setor de visitantes do estádio ao assistir aos jogos, já que as arquibancadas do time mandante e demais setores da arena passam por uma grande reforma há quase 3 anos. Mediante isso, Larissa não hesitou em cobrar da diretoria do time uma solução mais rápida para o estádio que recebe o São Caetano, aquele mesmo, ao lado de sua casa, visando que esse seja um espaço mais acolhedor, confortável e seguro.

Falando em recepcionar, essa é também uma das delegações mais importantes de Larissa dentro da torcida. A cada jogo, ela precisa comparecer até

a bilheteria do estádio, retirar os ingressos físicos e, depois, distribuí-los aos demais torcedores que comparecerão à partida.



*Faixa da Comando Azul estendida no estádio Nicolau Alayon.
Reprodução: @lahrissacoca*

Infelizmente, nos últimos meses duas cirurgias importantes mudaram a rota da caminhada de Larissa de mãos dadas à Comando Azul. Uma se trata do processo de histerectomia — remoção do útero. A outra é um procedimento na mama. E de brinde, acabou levando um rompimento do ligamento do tornozelo.

Apesar de situação de maior vulnerabilidade devido aos cuidados que deverá ter com sua saúde até, pelo menos, o final de agosto, ela ainda precisa dar conta de outro papel que exerce em sua vida com muito amor para além da torcida: a maternidade.

Divorciada, Larissa é mãe de duas crianças pequenas, com idade de 7 e 11 anos, chamadas Nicolas e Lucas, respectivamente.

Ela conta que uma delas foi diagnosticada com autismo. Por isso, desabafa que não é fácil arranjar tempo para cuidar de tantas pessoas, entre membros da organizada e filhos, quando lhe falta tempo para cuidar até de si mesma.

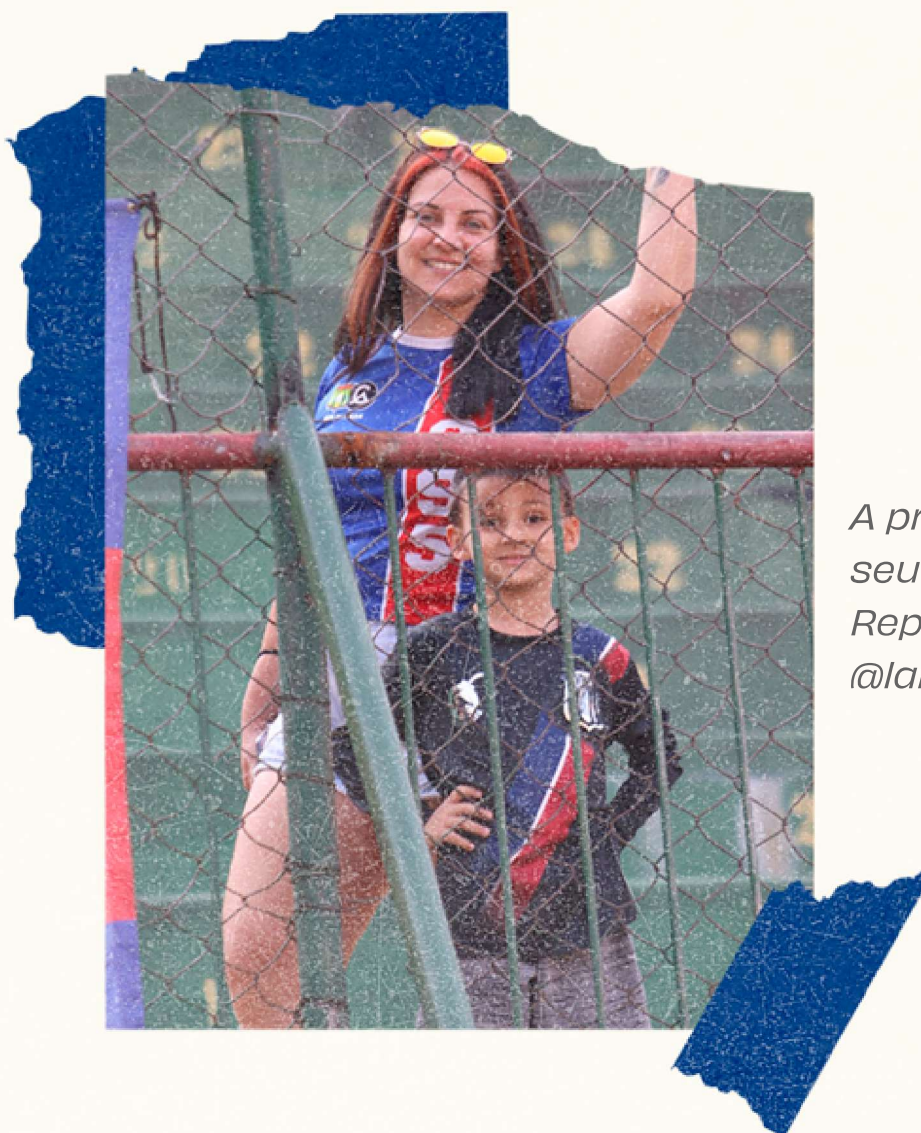
Nessa luta, tem sorte em saber que tem ao lado outras mulheres com quem pode contar.

**“MINHA MÃE
É MINHA
PARCEIRA”.**

Se a paixão que pulsa dentro de Larissa pelo universo do futebol foi passada por sua mãe, assim ela gostaria que fosse com os seus filhos.

Por outro lado, ela relata, com muita tristeza, como tem sido difícil levá-los aos jogos consigo.

Com saudosismo, faz questão de guardar todos os ingressos dos jogos em que puderam comparecer.



A presidente e seu caçula.

*Reprodução:
@lahrissacoca*

Principalmente daquele em que levou Lucas pela primeira vez, quando ainda estava grávida do Nicolas. Um amor, portanto, que vem de berço — e até antes disso!

Depois de nascido, Nicolas entrou em campo em grande estilo - e em uma grande ocasião: comemorar a conquista do campeonato da Copa Paulista de 2019.

"Foi muito emocionante poder levar ele (...) Ele batia palma, gesticulava, tentava cantar", conta realizada.

Ao contrário da maioria da população brasileira, Larissa é a responsável pelo incentivo à torcida dos filhos, algo incomum em um país como o Brasil onde as crianças, geralmente, adquirem a paixão pelo esporte da bola advinda de seus pais.

O problema é que nesse time, Larissa joga praticamente sozinha. A ajuda com os meninos, que na verdade se trata de uma obrigação, tem se resumido à, basicamente, apenas a pensão alimentícia, paga mês a mês.

Nenhum apoio diário. Nenhuma contribuição efetiva na vida dos filhos nos dias úteis. Somente aos finais de semana. Como se a paternidade pudesse tirar folga. Algo que a Larissa não sonha em ter nem de longe.

"O que mais consome meu tempo no dia a dia, fora a torcida, são eles e meu trabalho".

Autônoma, em suas próprias palavras, "não tem muito para onde correr".

É nesses momentos que Larissa, apesar de ocupar um cargo de liderança e extrema relevância nas torcidas brasileiras, lembra, na base da dor, que ainda assim nunca deixará de ser o que é — mulher. E isso basta para que a vida se torne muito mais difícil.

Se pudesse dizer algo para outras companheiras de arquibancada, diria, sem dúvidas, para que não se esqueçam do seu lugar. "De que ainda existe muito preconceito, muito machismo, muita gente que julga".

Para se proteger, ela acredita que é fundamental entender que nem sempre podem estar juntas do resto. "Principalmente em jogos que são de briga", alerta.

Apesar dos desafios, do medo e dos ataques, é com gratidão que a presidente encara a vida

dedicada a defender, amar e honrar um clube. Mas, sobretudo, ser reconhecida por isso. Reconhecida com A.



*"A história se repete", publica em seu Instagram
Reprodução: @lahrissacoca*

**MOVIMENTO
SÃO PRAELAS**



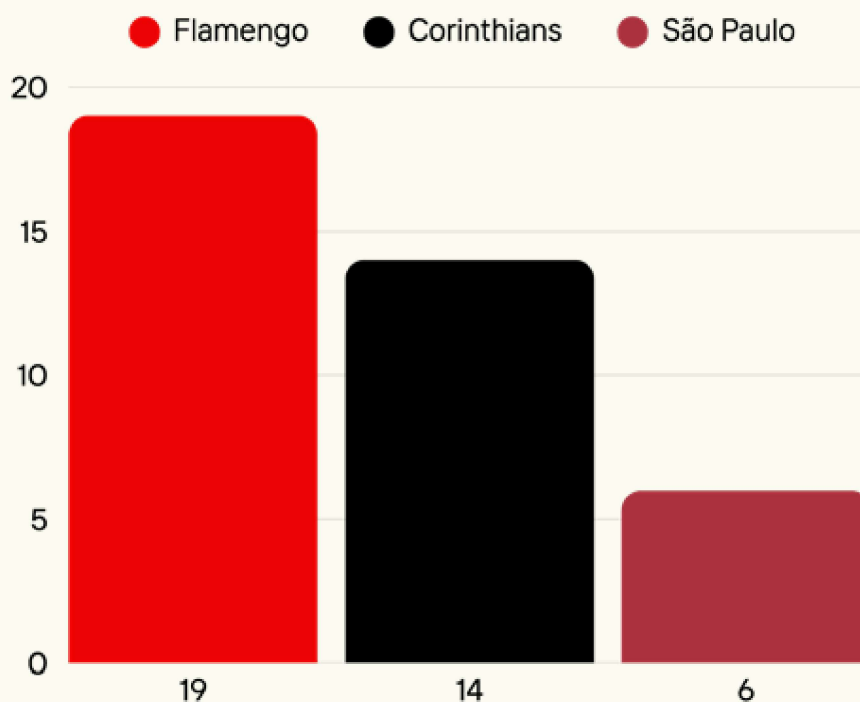
SÃO PRAELAS
PELO ORGULHO DE SER MULHER. PELO ORGULHO DE SER SAO PAULISTA

SPFC

Como poderia um time de futebol do tamanho do São Paulo Futebol Clube deixar faltar camisetas às torcedoras mulheres?

De acordo com uma pesquisa levantada pelo Instituto DataFolha, publicado em 2023, 75% das mulheres brasileiras demonstraram interesse por futebol, representando, aproximadamente, 77,7 milhões de torcedoras em todo o país.

O tricolor paulista aparece no ranking como o terceiro clube com o maior número de mulheres do país (6%), ficando atrás apenas de Corinthians (14%) e Flamengo (19%).²³



Esse foi o incômodo de Giovanna Sanches Ferreira, apelidada de Gio, e de Elis Marina Francisco, chamada por Lis, administradoras do Movimento São Para Elas, que começa em forma de protesto nas redes sociais perante a escassez de uniformes femininos à venda nas lojas.

O ponto de partida se dá em 2017, 8 anos atrás, na tentativa de lutar pela maior inserção da pauta de equidade de gênero nessa e em tantas outras situações preconceituosas vivenciadas pelas tricolores. Inicialmente reunidas em um grupo de Whatsapp, nomeavam-se como "São Paulinas Uniformizadas", uma referência ao contexto de torcida e ao protesto iminente, que só crescia e tomava forma quanto aos uniformes femininos em falta e não distribuídos pela Under Armour.



**“Pelo orgulho
de ser mulher,
pelo orgulho de
ser São Paulo”**

É em 2019 que o grupo de torcedoras consegue se reunir no Morumbis, estádio do clube para oficializar a criação do Movimento.

Posteriormente, foi agendado até mesmo um encontro de lideranças com a principal organizada do São Paulo, a Independente, que procurava saber melhor sobre o assunto e a comoção que elas estavam causando por toda parte, seja nas arquibancadas, seja na mídia.

A repercussão ultrapassou as telas dos celulares. Virou reportagem na Globo naquele mesmo ano.

Para elas, no entanto, é importante que não sejam confundidas com uma torcida organizada. "Somos um movimento". A preocupação é, sobretudo, ideológica. E o objetivo é propiciar um lugar de pertencimento e acolhimento, ao mesmo tempo em que resistem e ocupam esse espaço renegado por décadas a tantas mulheres.

A comunicação ainda é, prioritariamente, virtual, explicam Gio e Lis. "São 3 grupos, um com 123, outro com 150 e mais um com 122. À medida em que vão lotando, fazemos um novo".

Por outro lado, a vontade de estar junto e a aproximação física das integrantes é um ponto de atenção.

Seja como forma de conhecer pessoas, fazer amizade ou não se sentir coagida, o encontro ao vivo e em cores

é também uma forma de proteção.

Combinando pontos em estações de metrô e linhas de ônibus, o caminho até o estádio, sobretudo quando as partidas acontecem durante a noite, usualmente por volta de 21h30, estarem juntas

facilita o acesso de mulheres às arquibancadas e dificultar abusos, ataques e importunações no trajeto de ida e, principalmente, no de volta.

Ao entrar em campo depois do encontro geral no portão 6, não possuem lugar reservado ou setor exclusivo, mesmo que já seja uma tradição marcar presença na arquibancada laranja.

É lá que a São PraElas faz barulho e faz festa. Faixas, bandeiras, chaveiros. É de grande importância para elas reafirmarem sua identidade visual — e de gênero.

E o melhor: tem espaço para todas! Gio explica que a faixa etária das integrantes é bem variada. Jovens, mães, estudantes. E por isso, as demandas e necessidades também são.

Uma das maiores sem dúvidas é também, como no caso de Larissa, o papel de mãe.

Com quem deixar os filhos? É seguro levar as crianças ao estádio? Na dúvida, com organização e resiliência mútua, as torcedoras vizinhas combinam dias e horários para que tomem conta umas dos filhos das

outras. Assim, mesmo que a presença nos jogos seja revezada e nem sempre dê para torcer pelo tricolor paulista de pertinho, provam para si mesmas e para a sociedade que não é preciso abdicar totalmente de seus hobbies e prioridades individuais.

Para além do recorte feminista, engajam-se ainda na defesa dos direitos humanos e projetos de cunho social, como doações direcionadas aos orfanatos e banco de sangue.



“É uma união para além do futebol”, garantem elas.

Mesmo com o intuito de fazer o bem, encontram no caminho muitas das partes ruins em ser uma mulher decidida a torcer por um time.

O machismo, os xingamentos proferidos pela torcida masculina às árbitras e juízas, a invalidação. E como se não bastasse, o assédio, a sexualização e a invalidação do tamanho do amor que sentem pelo São Paulo.

Pessoalmente ou nas redes sociais, os discursos e ofensas sempre são os mesmos:

“
“Estádio
não é lugar
de mulher”
”

“
“Drama”
”

“
“Mimimi”
”

Para Lis, o presidente do time é um dos grandes responsáveis por tantas situações desprezáveis como essa. "Cazares é um interesseiro", desabafa pontuando que a pauta do Movimento apenas passou a ser validada e ouvida em momentos oportunos para o comandante.

"A gente acabou tendo um retorno deles apenas via redes sociais meio que se justificando apenas pela falta de adereços femininos".

Apenas depois de um ano, devido às meninas do Movimento terem contatos com funcionários internos do clube e terem aparecido no Globo Esporte²⁴, quando o time demonstrou uma verdadeira curiosidade de entender o que tudo aquilo significava.

Mas se faltava reconhecimento de uns, sobrava de outros. Engajadas com o "Fifa Fan Movement", uma iniciativa da maior entidade do futebol mundial, a Fifa, pela união de torcedores e promoção do esporte ao redor do mundo, a São PraElas passou a dedicar horas e mais horas na produção de conteúdo destinado ao projeto.

"Quem já pode participar carrega essa honra de já ter tido o nome registrado lá na Fifa", diz Gio com orgulho.

A preocupação e luta junto aos times femininos do tricolor também é uma das bandeiras levantadas dentro e fora das arquibancadas.

Não é mera coincidência que apenas após o barulho da São PraElas a equipe de social media do São Paulo tenha decidido criar perfis nas redes sociais destinados aos elencos femininos das categorias, o que já existia há muito tempo para a equipe masculina - e não só de futebol. Gio entende que ter um perfil dedicado aos times femininos é, não só uma forma de promoção, mas também de proteção, já que quando as postagens anunciando jogos ou contratações das mulheres eram feitas no perfil geral, muitas ofensas e ataques vinham sendo proferidos.

Aqui, é onde os caminhos se cruzavam, provando que a misoginia ataca a todas nós! **"Basicamente, os mesmos problemas que as torcedoras vinham enfrentando, as jogadoras também enfrentavam lá dentro".**

Esse ponto principal de interseção, ou seja, o fato de simplesmente ser mulher e precisar lutar contra esse tipo de violência, culminou ao longo dos anos em uma ótima relação entre o Movimento e os times femininos, que valorizam muito o trabalho feito até aqui, provando que a sororidade é o grito de guerra delas.



*Doações
arrecadadas
e Ação de Dia
das Crianças
promovida pelo
Movimento São
PraElas
Reprodução: @
saopraelas*

Perguntadas se a luta tem dado resultado, Giovana e Elis garantem que sim. A diminuição dos ataques, ameaças e ofensas já é visível.

Elas acreditam que, hoje, com tantas mulheres unidas por um mesmo propósito no mundo da bola, as pessoas parecem ter mais receio de manifestar, sobretudo publicamente e nas redes sociais, preconceitos e violências disfarçadas de opinião.

Quais os próximos passos, então?

Primeiro, entender que os anos passaram e que as garotas que abriram essas portas são, agora, mulheres, ocupadas com outras demandas e responsabilidades em casa e com suas famílias.

Depois, pensar em outras formas de se engajarem cada vez mais em movimentos sociais, aderindo a outras pautas tão importantes quanto.

Uma delas acontecerá em setembro, quando as torcedoras se unirão em prol de campanhas de doação de cabelo para confecção de perucas que serão usadas por outras mulheres que enfrentam a dor do câncer.

Para Gio, esse tipo de pensamento sempre foi, desde 2019, e precisa continuar sendo a cara do São PraElas.

**ALESSANDRA,
PALMEIRENSE
VERDE**



Filha de um pai que, ainda criança, foi segurado no colo pelos jogadores do Palmeiras após a conquista do polêmico título de 1951. Alessandra Ayres Dias não poderia ter o coração pintado em outras cores: verde e branco.

"Desde pequenininha meu pai levava eu e meu irmão no estádio, no Parque Antártica, no Pacaembu (...) Era mágico".

Apesar de amar estar no meio da torcida, relata as dificuldades que sentia em ir acompanhada só de homens. Uma delas era ir ao banheiro sozinha ou com a necessidade de pedir ajuda a uma policial militar.

"Naquela época eu não via muitas meninas. A maioria eram homens", recorda.

Nascida no bairro da Vila Guilherme, São Paulo, em 26 de junho de 1972, passou quase 20 anos sem ver um título sequer da equipe alviverde. Isso nunca diminuiu o sentimento dela pelo Palestra.

Além disso, também não tinha a oportunidade de comparecer aos clássicos, jogos mais violentos ainda com duas torcidas, ocasiões em que seu pai evitava de levá-la.

Por volta de seus 20 anos, já dona de seus próprios passos, inevitavelmente passou a vivenciar mais situações de violência.

Após um título conquistado pelo Porco, Alessandra decidiu comemorar em grande estilo, na Avenida Paulista, próximo de onde uma de suas amigas morava. Na volta para casa, no metrô, já estava precavida com outra blusa por baixo que não a de time. Assim que desceu na estação mais próxima de sua casa, no Carandiru, deu de cara com a torcida inteira do Corinthians embarcando em um ônibus.

Do outro lado da rua avistou um palmeirense desconhecido sendo perseguido e tendo sua camisa tomada à força, prática comum nas torcidas organizadas que rivalizam entre si – e disso Alessandra sabe bem. "Já tive que voltar correndo para casa enquanto era perseguida por dois homens, com medo de sofrer algum outro tipo de violência".

No ônibus em que Alessandra entrou, ameaças: "Palmeirense vai morrer". Aquele dia, voltou para casa o caminho todo do que poderia acontecer caso sua bolsa se abrisse sem querer.

Essa não foi a única situação de medo e opressão enfrentada por ela.

Na saída de um show, também acompanhada de uma amiga, ouve um pedido de socorro vindo de duas

crianças. "Pelo amor de Deus, deixa eu entrar no táxi com você".

Uma van com torcedores do Palmeiras havia levado outro jovem e estava andando pelas ruas procurando por eles também. Alessandra resolveu dar carona aos meninos, que caíram em prantos ao descobrirem que ela também era uma das alviverdes.

"Eles ficaram em pânico. E eu disse para eles que sou contra a violência de qualquer time, inclusive do meu", conta.

Após deixar as crianças em segurança, pôde retornar para casa, ainda muito assustada com toda aquela situação.

Muitas vezes, cansada de presenciar tantas cenas lamentáveis, Alessandra preferia nem olhar. "Já vi na volta do trabalho espancarem um são paulino. Eu saí e fui chamar a polícia".

Felizmente, na vida de Alessandra a rivalidade não tinha vez. Vizinha de um dos ex-presidentes da Gaviões da Fiel, principal torcida organizada do Corinthians, recebia a família toda em sua casa em diversos eventos, aniversários e confraternizações.

"Ele chegou a perder todos os dentes. A mãe dele falava que não conseguia nem mais assistir jogo porque já imaginava o filho dela batendo".

Ainda que raras, Alessandra garante que em todos esses anos nunca viu mulheres envolvidas em brigas ou confusões desse tipo.

Dessa forma, evitava a qualquer custo ir ao estádio sozinha, ordem que vinha até mesmo de seu irmão.

Em dias de final de campeonato, Alessandra ficava em casa enquanto os homens da casa festejavam. No máximo, ao final da noite, comemorava com uma volta de carro ali mesmo pelo bairro.

Além do medo da violência, o machismo e a visão limitada da sociedade da época — que ainda se perpetua hoje — também a afastavam das arquibancadas. "Se eu falasse para um namorado que queria ir ao jogo, ficava bravo. Você vai lá para que se só tem homem", estranhava.

Ao pensar que talvez nunca tenha sido assediada justamente por nunca ter ido ao estádio sozinha quando mais nova, Alessandra se entristece.

Hoje, mãe de 3 filhos, sendo duas mulheres e torcedoras, se sente mais segura. "Eu vejo muito mais da gente, idosos, crianças. Me sinto mais incluída".

Porém, infelizmente, ainda não consegue citar o nome de nenhuma torcida feminina que tenha visto ou tido contato através de seu time. Isso prova que, mesmo que esse tipo de movimento exista, não tem visibilidade o suficiente para alcançar todas as demais.

Para Alessandra, é importante que esses grupos de mulheres sejam mais divulgados. E ainda por cima garante que, em sua juventude, teriam feito muita diferença. "Eu ficava muito sozinha, no meu quarto enquanto todos estavam no estádio".

Além da companhia, ela enxerga nas torcidas femininas a possibilidade de vínculos reais e a construção de redes de apoio. "Ajudar a cuidar de um filho, revezar para que todas possam ir", pensa.

"Eu como mãe vejo o lado da mulher, eu tenho sempre que pensar nos filhos. Então quando uma mulher quer ir ao estádio ela precisa ver com quem deixar os filhos. Nem sempre dá para levar".



Alessandra exhibe retrato de seus filhos em festa temática do time | Reprodução própria

A alternativa que Alessandra encontrou é comparecer ao Allianz Parque nas cadeiras cativas de seu irmão quando ele não pode ir. E mesmo assim, ela sempre prioriza que os filhos possam estar lá, apesar do medo de que algo ruim aconteça. E não somente dentro de campo, mas nos arredores.

A mistura de álcool com um público predominantemente masculino assusta Alessandra, que diz não se sentir segura em estar ali sozinha ou apenas com outra mulher.

Por último, mas não menos importante, aconselha as filhas a ocuparem o lugar que desejarem. Que se juntem às outras mulheres e se apoiem.



**“Lugar de
mulher é onde
ela quer estar”.**

CONCLUSÃO

Escrever um livro sobre torcidas e torcedoras femininas foi uma escolha pautada na proximidade

que eu pensava ter com o tema.

Terminar, agora, esse mesmo projeto, me faz refletir sobre como ainda não sabia de quase nada.

Gritamos nas arquibancadas, mas não temos voz. Cantamos nossas dores mas não somos ouvidas.

Não sabemos os nomes nem as histórias daquelas que vieram antes de nós para que pudéssemos vivenciar as emoções e direitos de hoje.

Precisamos de mais Alices, Ignes, Ângelas, Larissas, Gios e Alessandras. E mais do que isso, precisamos que essas mulheres não sejam mais esquecidas. Que sejam mais do que nomes de rua ou recortes de jornal das décadas passadas esquecidos na gaveta.

Tudo começou pela gente. Pelas nossas mãos. E ninguém terá mais o direito de calar nosso grito de guerra.

Esse trabalho prova como a violência de gênero é real, em dados, números e em rostos. Como é difícil ser mulher e amar um clube de futebol. Como fazem de tudo para que estarmos lá seja praticamente impossível.

Mostra como somos violentadas e atacadas, dia após dia.

Mas acima de tudo, mostra como resistimos e seguimos torcendo, não só pelo nosso time, mas por um futuro melhor para todas.

Nessa causa nossa bandeira é uma só!

Referências

1. ARQUIVO DO ESTADO. Exposição Virtual de Introdução do Futebol no Brasil.
2. ANTIGAS FOTOS DO FUTEBOL BRASILEIRO. Oscar Cox e o Football no Rio de Janeiro. Futbox.com, 24 jan. 2017. Disponível em: <https://www.futbox.com/blog/colaboradores/oscar-cox-e-o-foot-ball-rio-de-janeiro>. Acesso em: 12 set. 2025.
3. O Globo noticia o acontecimento em 21 de julho de 1902, quando, na Rua Marques de Abrantes, 51, nasce a equipe do Fluminense.
4. GALUPPO, Ricardo. Raça e amor: a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada. São Paulo: BDA, 2003. (Coleção Camisa 13). 173 p. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/times/atletico-mg/noticia/dia-das-maes-a-historia-de-alice-neves-a-mulher-que-deu-a-luz-o-atletico-mg-em-1908.ghtml>.
5. Entrevista de Regina Neves, filha de Mário Neves e neta de Alice, concedida ao Globo Esporte em 2016 e republicada em 10 maio 2020.
6. NAVA, Pedro. Beira-Mar. São Paulo: [s.n.], 1978. p. 374.
7. AZEVEDO, Ângela. Entrevista concedida a Wallace Graciano para o site Ludopédio, pertencente ao Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (FULIA). Jornal Bola na Área (extinto). As edições de 1928 a março de 1994 estão disponíveis na Hemeroteca da Biblioteca Pública Luiz de Bessa.
8. ESTADO DE MINAS. Pesquisa realizada em 2 jul. 1965, publicada em vias impressas. Em contato com o veículo, afirmaram não ter o número de edição exata catalogada.
9. SANTANA, Jorge. Páginas heróicas: onde a imagem do Cruzeiro

resplandece. São Paulo: DBA, 2003. (Coleção Camisa 13).

10. Idem.
11. ORTEGA, Lorena. Entrevista concedida ao Globo Esporte em 8 mar. 2024. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/tem-esporte/futebol/times/sao-bento/noticia/2024/03/08/como-cinco-irmas-do-interior-de-sp-superaram-machismo-e-criaram-primeira-torcida-feminina-do-brasil.ghtml>.
12. ORTEGA, Lorena. Entrevista concedida ao Globo Esporte em 8 mar. 2024.
13. Entrevista concedida ao Focas na Rede em 18 dez. 2019. Disponível em: <https://focas.uniso.br/index.php/2019/12/18/tira-prosa-ha-mais-de-quatro-decadas-a-torcida-feminina-do-sao-bento/>.
14. Diário de Sorocaba, 13 maio 1982, n. 7150.
15. INSTITUTO IBOPE REPUCOM. Mulheres e esportes. Disponível em: <https://www.iboperepucom.com/br/estudos/mulheres-e-esportes/>.
16. INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. Violência contra mulheres e o futebol. Pesquisa realizada pelo Instituto Avon e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2022. Disponível em: <https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/violencia-contra-mulheres-e-o-futebol-instituto-avon-forum-brasileiro-de-seguranca-publica-2022/>.
17. OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. Relatório: violências no futebol brasileiro. Disponível em: <https://observatoriosocialfutebol.org/relatorio-violencias-no-futebol-brasileiro/>.
18. AGÊNCIA SENADO. 25 nov. 2024.
19. KICK IT OUT. Over half of women have experienced sexism at matches. Estudo produzido em 11 set. 2024. Disponível em: <https://www.kickitout.org/news-media/>

over-half-women-have-experienced-sexism-matches.

20. LOPES, Amanda Maria Ramos. Assédio no estádio de futebol: implicações no lazer das torcedoras. 2023. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Fisioterapia e Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
21. FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. Matéria divulgada na página do Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=1064193443919623>.
22. BERTOLDO, Sanny. Mulheres no futebol. Gênero e Número, 2021. Disponível em: <https://www.generonumero.media/reportagens/mulheres-no-futebol/>.
23. CAPITU / ESTADÃO. Torcida, substantivo feminino: mulheres se unem para ocupar arquibancadas. Disponível em: <https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/torcida-substantivo-feminino-mulheres-se-unem-para-ocupar-arquibancadas>.
24. GLOBO ESPORTE SP. Série especial "#LugarDeMulher", transmitida em mar. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/sp/futebol/noticia/lugar-de-mulher-torcedoras-relatam-agressoes-fisicas-e-morais-que-ja-sofreram-nos-estadios-de-sp.ghtml>.

Quando as mulheres começaram a se interessar pelo futebol?
A resposta é simples: desde sempre!

"No Grito e Na Garra" traz nomes femininos em torcidas por todo o país que mostraram que o amor por um time é maior do que qualquer preconceito que elas possam enfrentar.

É uma herança e a torcida por um futuro melhor, mais seguro e democrático para o gênero feminino dentro e fora das arquibancadas.